



Recuperação de uma memória interdita: Os depoimentos do anarquista Augustin Souchy no documentário “A longa esperança”

Wink, Georg

Published in:
Anais do 5. Congresso Brasileiro de Hispanistas [CD-ROM]

Publication date:
2009

Document version
Også kaldet Forlagets PDF

Citation for published version (APA):
Wink, G. (2009). Recuperação de uma memória interdita: Os depoimentos do anarquista Augustin Souchy no documentário “A longa esperança”. I *Anais do 5. Congresso Brasileiro de Hispanistas [CD-ROM]*

Recuperação de uma memória interdita: os depoimentos do anarquista

Augustin Souchy no documentário *A longa esperança*

Georg Wink (FALE/ UFMG)

A comunicação acadêmica é cabulosa. Mais ainda, quando se abordam assuntos delicados. Queria, portanto, começar com uma ressalva: a minha contribuição não pretende reanalisar fatos históricos, pois não se entende como um trabalho histórico, mas sim visa a uma análise das circunstâncias e condições que, em sua *longue durée*, interferem num determinado aspecto na memória da época em questão. Oriente-me pelas premissas dos Estudos Culturais, cujo enfoque não é no acontecimento, mas no que se diz *sobre* o respectivo acontecimento e, ainda, o porquê. Esse enfoque tem as seguintes implicações: Em primeiro lugar, os discursos da memória coletiva nunca são representações neutras do passado, mas, como todos os discursos, sempre estão sujeitos a um senso comum do “pensável”, do “escriturável” e do “legível”. É esse contexto que determina tanto os limites de uma suposta “normalidade”, quanto, através de *formations discursives*, sua ordem interna (FOUCAULT, 1969). A validade das formações é constantemente renegociada na dependência das relações de poder — no sentido mais amplo — ativas no presente. Essa renegociação se dá através da formação e transformação de modos de percepção e experiência, de categorias de classificação e valorização do mundo social, algo que Bourdieu (1979, p. 564) definiu como “une dimension oubliée de la lutte de classes”. Dessa forma, nenhuma enunciação é ingênua, mas resultado de um *site of enunciation* (BHABHA, 1995, p. 38). Por parte do receptor, ademais, uma enunciação é apenas reconhecida como válida e verdadeira ao depender do poder e

do prestígio desse lugar de enunciação, constituindo, dessa forma, o *regime of truth* (HALL, 1992, p. 291).

O que significa essa aproximação para a análise da memória da Guerra Civil Espanhola? Na observação “grosso modo” dessa memória, o primeiro que se há de constatar é uma omissão significativa. Seja no extenso trabalho apologético feito pelos vencedores franquistas ou no *pacto de olvido* durante a *transición* à democracia e diante da integração à União Européia, seja no novo *boom* de literatura sobre a Guerra Civil, em contraposição à antiga narração, ou finalmente nas primeiras comemorações desalentadas durante o primeiro período legislativo do governo socialista, em todas as fases de produção de discursos comemorativos sobre a Guerra Civil, um fenômeno é evidente: a Revolução Social, que envolveu em torno de 7 milhões de pessoas, representados pelo *trabazón* anarco-sindicalista CNT-FAI, e seu papel decisivo em deter a insurreição franquista, sucumbe na luta pela validade (BERNECKER, 1991, p. 217). Na época, a Revolução Social foi omitida porque não era útil, nem à narração franquista de um *Alzamiento Nacional* contra uma dominação bolchevista, nem às narrações republicanas de uma defesa da democracia e a comunista de uma revolução burguesa (e não de classe). Para os comunistas, a omissão — até pela censura — só foi rompida esporadicamente, para possibilitar uma estratégia de difamação, associando os anarquistas aos fascistas, num *amalgame révolutionnaire*, como ameaça extremista a uma revolução “prudente”. Mas nem depois a Revolução Social entrou nos discursos dominantes, apesar de uma vasta produção de relatos, p. ex. de Borkenau (1937), Kaminski (1937), Rabasseire (1938), Morrow (1938) e de seu expoente mais famoso, Orwell (1969), publicado em 1938. Até este último tinha reparado no *imbroglio* quando declarou:

In particular the Communist Party, with Soviet Russia behind it, had thrown its whole weight against the revolution. It was the Communist thesis that revolution at this stage would be fatal and that what was to be aimed at in Spain was not

workers' control, but bourgeois democracy. [...] And since the revolution had got to be crushed, it greatly simplified things to pretend that no revolution had happened (ORWELL, 1969, p. 84).

O fenômeno curiosamente persiste *apesar* de um amplo trabalho histórico que conseguiu trazer à luz praticamente todos os aspectos da Revolução Social. Enquanto Broué; Témine (1961) analisaram o processo político e Bolloten (1961) desvendou a conspiração comunista, Pérez-Baró (1970) e Bricall (1970) explicaram detalhadamente o lado social e econômico da mudança pela qual passara a sociedade. Na perspectiva destes estudos, nos deparamos não com incompetência caótica e violência arbitrária, mas sim com uma *reorganização* da sociedade através da socialização do espaço comunitário e dos meios de produção, descentralizada, autogestada e predominantemente voluntária, que rapidamente produziu resultados positivos quantificáveis, inclusive com respeito à produção e à arrecadação (BERNECKER, 1977, p. 16; 1980, p. 205). Estes estudos, tanto quanto os testemunhos dos anarquistas Peirats (1951-52), Leval (1952) e Souchy (2007), publicado em 1955, conseguiram pouco efeito sobre o discurso dominante; por motivos políticos, mas, sobretudo, como mostrarei em seguida, por serem incompatíveis com a *formation discursive* preestabelecida.

A ignorância dessa faceta da Guerra Civil tende a se fortalecer na atualidade. No pós-1989, proclamada a morte geral de projetos sociais alternativos e até o final da história, o Anarquismo, já marginalizado, tem se revelado definitivamente um assunto de recalque cuidadoso; quando mencionado, na maioria dos casos, apenas provoca hilaridade, um pouco histórica. Na jovem democracia espanhola, na qual se tentam criar precursores com metas “democráticas”, há pouco espaço para a memória dos movimentos anárquicos. O debate pós-transição é dominado por uma busca de explicações, objetivas e bem ponderadas, que façam justiça às vítimas da Guerra, mas que, de preferência, não tirem os cadáveres do porão (ou da vala

comum). Ao mesmo tempo, evoca-se cada vez mais a memória de uma “catástrofe coletiva” supra-humanizada e extracontextualizada. Sintomaticamente, o *desideratum* de relacionar a Guerra Civil às lutas políticas da Segunda República, várias vezes postulado (BERNECKER, 1991, p. 258) não foi considerado pela ciência. Isso se deixou transparecer até no *Congreso Internacional de la Guerra Civil*, realizado em Madri no ano de 2006. Já na palestra inaugural, Jorge Semprún declarou categoricamente que a data de 19 de julho de 1936 teria de ser lembrada como defesa da democracia e não como o desembocar de um processo de reivindicação social em andamento.

Contudo, o fato de que, na literatura científica mais recente, os anarquistas sequer são mencionados, não é o ponto principal. Importa mais a razão dessa omissão, porque ela é muito além do lugar de enunciação “democrático” e ultrapassa a realidade espanhola. Segundo toda uma linhagem discursiva dominante, o fenômeno do anarquismo é associado às idéias de negatividade e desconstrução, de caos e arbitrariedade, e todas conotadas com infantilidade e ludicidade. Alia-se outra linhagem discursiva que remonta até à lenda negra e aos enciclopedistas franceses. Segundo esta, ao sul dos Pirineus *sempre* regeia o atraso e o subdesenvolvimento. Estes discursos acoplam-se perfeitamente num discurso geral de defasagem e inferioridade, tanto da sociedade espanhola, quanto dos anarquistas e, neste *regime of truth*, não pode haver vanguardas; pouco importa a Constituição de Cádiz de 1812 — ou o anarco-sindicalismo. Dessa forma, o historiador Hobsbawm (1975, p. 71, *passim*) só conseguia entender a Revolução Social como rebelião primitiva e arcaica, orientada por um obstruso milenarismo, e levando a ações de vandalismo desenfreadas, causando o desastre da defesa da democracia. Tudo isso, vale lembrar, numa Catalunha altamente industrializada, com uma história de organização anarco-sindicalista desde 1868 que, em vários congressos e conscientemente, optou por uma teoria revolucionária orientada por Bakunin em vez de Marx. Excluído do “pensável”, a

Revolução Social se torna irrelevante, e a irrelevância contém uma implicação de efeitos drásticos: aceita-se uma “imagem fantasma do anarquismo espanhol” (GÖRLING, 1986, p. 159).¹ Noam Chomsky, sempre cético com argumentações baseadas em “verdades” que, como por acaso, se revelam convenientes para os discursos dominantes, notou na interpretação geral da Guerra Civil “a deep bias against social revolution and a commitment to the values and social order of liberal bourgeois democracy”, criticando não tanto esses valores burgueses, mas a “striking failure of objectivity” dessa dissimulação (CHOMSKY, 1969, p. 122).

A narração pedagógica de um senso democrático, exposta até aqui, foi rompida em vários momentos por narrações dissonantes que nunca conseguiram se inscrever no discurso dominante. Entretanto, cumprem uma função de “contradiscursos”, segundo Achugar (2003, p. 18) através da desconstrução (“desarmar relatos oficiais”), suplementação (“leer lo que nunca fue escrito”) e reabilitação (“narrar vidas y hechos [...] olvidados, silenciados, o, simplemente, deformados”). Estes não apenas recuperam o “socialismo libertário”, mas também seriam de suma importância para o processo de *Vergangenheitsbewältigung*, pois neste significam o primeiro passo, antes de serem tomadas medidas punitivas, compensatórias e, afinal, reconciliadoras. Entre as obras, literárias e fílmicas, que se enquadram nessa recuperação, destacam-se, p. ex., a coletânea de depoimentos sobre o militante anarquista Buenaventura Durruti, organizada e “comentada” por Hans Magnus Enzensberger (*O curto verão da anarquia*, 1972) e o filme *Land and freedom* (1995, direção Ken Loach). Um exemplo menos conhecido, porém extraordinário, é o documentário *A longa esperança* do cineasta alemão Pepe Danquart.² No início dos 80, ele procurou Augustin Souchy, anarquista alemão já aos 91 anos, com a proposta de acompanhá-lo à Catalunha, junto à ex-combatente suíça Clara Thalmann. Souchy, secretário da Associação Internacional dos Trabalhadores em Berlim, tinha participado regularmente dos congressos anarco-sindicalistas na Espanha. Estava também em

Barcelona na hora do golpe e, após a vitória, ficou responsável pelas relações públicas internacionais da CNT, até a tomada da cidade pelos franquistas em janeiro de 1939. O que o distingue entre outros voluntários estrangeiros não é só sua intimidade e seu compromisso com o movimento, que lhe rendeu inclusive a nacionalidade espanhola, e seu acompanhamento da revolução desde o primeiro ao último dia, mas o seu respeito pelo movimento e a ausência da atitude paternalista, tão comum entre os “conselheiros” estrangeiros.

No exílio mexicano, Souchy publicou em 1955 o relato *Noite sobre a Espanha* (2007). Neste, denuncia a tática declarada ou tacitamente contrarrevolucionária, empregada por *todos* os poderes envolvidos na Espanha e no exterior, e desmistifica o papel das brigadas internacionais, tanto no sentido militar, quanto no simbólico. Além de não convidados pelos anarco-sindicalistas, pois o movimento precisava de armas e não de soldados, gozavam de privilégios indevidos, não perceberam sua própria instrumentalização política e, com a superioridade paternalista e preconceituosa do ignorante, careciam de qualquer sensibilidade intercultural para entender o significado real do processo revolucionário (2007, p. 161-163 e 167). Mas, em primeiro lugar, o texto narra algo que, em outros lugares, é descartado: o altíssimo grau de conscientização política que impossibilitou os anarquistas de simplesmente tomarem o poder e o esforço cotidiano de construir, partindo de ações da base, uma nova ordem social, enquanto outras forças, primeiramente, se ocuparam de dominar o discurso midiático (2007, p. 77, 85 e 91). Souchy merece atenção nestes assuntos, pois a análise das mudanças estruturais em sociedades revolucionárias, entre outros na América Latina, foi a ocupação principal de sua vida, dando-lhe o apelido de “estudante da revolução” (MEDIENWERKSTAAT FREIBURG, 1985, p. 55). Mesmo assim, é ciente de seu lugar de enunciação: No prólogo de *Noite sobre a Espanha*, com autocrítica rara para alguém que escreve sobre a Guerra Civil, anuncia como

meta principal a reabilitação do projeto social anarco-sindicalista, “mesmo que seja às custas da objetividade” (SOUCHY, 2007, p. 14).

Ao documentarista alemão Pepe Danquart motivou a mesma percepção inicial, da exclusão de discursos por relações de poder e o uso inflacionário do rótulo de “objetividade” para defender interesses concretos. Conseqüentemente, o documentário que foi exibido em 1983 em cinemas fora do circuito comercial (e, pasmem, na televisão alemã) toma também uma perspectiva peculiar. O diretor priva-se de qualquer comentário e interpretação, é apenas um observador, embora descamufado e declaradamente simpatizante. A cena é completamente entregue aos dois anciãos e às muitas testemunhas de terceira idade com os quais dialogam durante a viagem. Dessa forma, o filme despretensioso, de câmera na mão, revela efeitos poderosos que vão muito além dos discursos pedagógicos da política de memória. São apresentadas pessoas que, na época, resolveram entrar em ação para construir uma outra sociedade, na sua imediata realidade e por motivos próprios, e que perderam muito ou tudo, sem “morrer por Madrid” ou por alguma outra grande causa declamatória e nunca foram tachados de heróis posteriormente. São registrados discursos, subjetivos, partidários e obviamente defasados, enunciados por pessoas com nenhum *status* e pouco tempo de vida restante³, oferecendo ao espectador um *insight* ao significado individual dos acontecimentos históricos. O maior efeito cognitivo, finalmente, é a percepção de que os anarquistas anciãos não dispõem de nenhuma “verdade” pré-estabelecida para afirmarem seus discursos, de nenhuma referência “legalizante” aos discursos comemorativos oficiais, mas só da própria memória compartilhada, falha, mas reconstituída no diálogo, e de sua autenticidade e coerência, oriundas da condição assumida do vencido.

Referências

ACHUGAR, Hugo. Derechos de memoria: sobre independencias y estado-nación en América Latina. In: _____. *Derechos de memoria. Actas, actos, voces, héroes y fechas*. Montevideo: Universidad de la Republica, 2003. p. 5-58.

BERNECKER, Walther L. *Die Soziale Revolution im Spanischen Bürgerkrieg: Historisch-politische Positionen und Kontroversen*. München: Vögel, 1977.

_____. *Krieg in Spanien 1936-1939*. Darmstadt: Primus, 1991.

BERNECKER, Walther L.; BRINKMANN, Sören. *Kampf der Erinnerung: Der Spanische Bürgerkrieg in Politik und Gesellschaft 1936-2006*. Nettlesheim: Verlag Graswurzelrevolution, 2006.

BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London, New York: Routledge, 1994.

BOLLOTEN, Burnett. *The grand camouflage: the comunist conspiracy in the Spanish Civil War*. New York: Frederick A. Praeger, 1961.

BORKENAU, Franz. *The Spanish cockpit*. London: Ann Harbor, 1937.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction*. Paris: Editions de Minuit, 1979.

BRICALL, Josep María. *Política econòmica de la Generalitat. Evolució i formes de la producció industrial*. Barcelona: Ediciones 62, 1970.

BROUÉ, Pierre; TÉMINE, Émile. *La révolution et la Guerre d'Espagne*. Paris: Editions de Minuit, 1961.

CHOMSKY, Noam. Objectivity and liberal scholarship. In: _____. *American power and the new mandarins*. New York: Pantheon Books, [s. d.]. p. 72-124.

FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

GÖRLING, Reinhold. *Dinamita cerebral: Politischer Prozess und ästhetische Praxis im Spanischen Bürgerkrieg (1936-1939)*. Frankfurt/ M.: Vervuert, 1986.

HALL, Stuart. The west and the rest: discourse and power. In: _____. GIEBEN, Bram (Org.). *Formations of modernity*. Cambridge/ Oxford: Polity Press/ Blackwell, 1992. p. 276-331.

HOBBSBAWM, Eric J. *Revolutionaries*. New York: Meridian Book, 1975.

KAMINSKI, Hans Erich. *Ceux de Barcelona*. Paris: Les Editions Denoël, 1937.

LEVAL, Gaston. *Né Franco né Stalin: La colletività anarchicha spagnola nella lotta contra Franco e la reazione staliana*. Milano: Istituto Editoriale Italiano, 1952.

MACHER, Julia. *Verdrängung um der Versöhnung willen?* Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2002.

MEDIENWERKSTAAT FREIBURG (Ed.). *Die lange Hoffnung: Erinnerungen an ein anderes Spanien*. Grafenau: Trotzdem, 1985.

MORROW, Felix. *Revolution and counter-revolution in Spain*. New York: Pioneer Publishers, 1938.

NELLES, Dieter. Deutsche Anarchosyndikalisten und Freiwillige in anarchistischen Milizen im Spanischen Bürgerkrieg. *Int. wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, Berlin, n. 4, p. 500-518, 1997.

ORWELL, George. *Homage to Catalonia*. London: Penguin Books, 1969 [1938].

PEIRATS, José. *La CNT en la Revolución Española*. Toulouse: Ed. CNT, 1951-1953.

PÉREZ-BARÓ, Albert. *30 mesos de collectivisme a Catalunya*. Barcelona: Ariel, 1970.

RABASSEIRE, Henri. *Espagne, creuset politique*. Paris: Fustier, 1938.

SOUCHY, Augustin. *Nacht über Spanien: Bürgerkrieg und Revolution in Spanien 1936-1939*. Reutlingen/ Grafenau: Trotzdem, 2007.

Notas

¹ Nessas divagações é comum acusar o CNT-FAI de incompetência de pôr em prática seus ideais, sem considerar que a consciência da periclitância dessa operação é algo inerente ao pensamento anarquista. Não “queriam” fazer política, mas sim torná-la supérflua, incompreensível para nós, democratas acostumados com a *Realpolitik*. “Por que um movimento tão complexo e contínuo não deveria ter sabido o que é de importância para o próprio desenvolvimento e a própria sobrevivência?” (GÖRLING, 1986, p. 194, tradução nossa).

² A Guerra Civil Espanhola tem forte representação no imaginário alemão. Alemães lutaram dos dois lados, apoiando os franquistas e assassinando 120.000 antifranquistas em seus campos e participando em grande número das brigadas internacionais, muitos na busca de uma catarse de não ter resistido em 1933 (NELLES, 1997, p. 517). Também em nenhum outro país essa participação interferiu tanto no pós-guerra, pela glorificação dos brigadistas na RDA e pela sua rejeição na RFA. Hoje em dia, o processo de *Vergangenheitsbewältigung* espanhol

desperta grande interesse num país que passou por esse processo duas vezes, 1945 e 1989, mas em nenhum momento optou pelo caminho da reconciliação mediante a anistia geral e, às vezes, duvida dessa escolha (MACHER, 2002, p. 48).

³ Augustin Souchy faleceu em 1984, pouco antes da estréia do filme; Clara Thalmann, em 1987.